

EDITORIAL

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i29p5-6>

Este número de *Literatura e Sociedade*, o primeiro de 2019, traz em sua seção principal um conjunto de estudos que oferecem ao leitor portas de entrada para uma reflexão ampla e diversificada sobre a experiência política, cultural e artística de um período conflituoso, marcado por opressões e aspirações libertárias, na América Latina.

Resultado do “Simpósio América Latina entre os anos 60 e 70: novos olhares”, realizado em 2018, em colaboração entre o Departamento de Literatura da Universidade do Chile e o Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, o dossiê focaliza aspectos da narrativa, da poesia, do teatro e da vida intelectual e política latinoamericana em um momento histórico crucial do século XX. A seção reúne trabalhos de pesquisadores chilenos e brasileiros, que trazem olhares contemporâneos sobre a experiência do período, elaborada na literatura e na arte entre o sufocamento político e a imaginação criadora. Para a descrição mais detalhada dos artigos, remetemos o leitor ao texto de apresentação assinado pela professora Viviana Bosi, organizadora do dossiê.

Em seguida, na seção Ensaios, este número traz quatro artigos que, na confluência de história, sociedade, crítica e literatura, abordam questões significativas dos séculos XIX e XX, no Brasil e em Portugal.

Leonardo Affonso de Miranda Pereira escreve sobre *O Guarani*, de José de Alencar, revisitando o problema da construção do romance como um mito da nacionalidade fundado na mestiçagem. Analisando a particularidade da configuração de *O Guarani*, e situando o romance nas discussões do período sobre a história do país, o artigo discute o lugar da escravidão na obra de Alencar, considerando tanto a posição política do escritor em face da questão quanto a figuração ficcional das relações entre as personagens no interior do romance.

O artigo seguinte, de José Lucas Góes Benevides, Sandro Adriano da Silva, Wilma dos Santos Coqueiro, aborda a figura e a obra de Luiz Gama. Os autores discutem as *Primeiras trovas burlescas*, publicadas pelo poeta em 1859, indicando a importância histórica do livro como uma das primeiras obras antiescravagistas da literatura brasileira. Para tanto, o artigo reconstitui os discursos vigentes no século XIX brasileiro acerca da escravidão, da suposta inferioridade racial dos negros e do branqueamento da população, situando os poemas de Luiz Gama no embate contra o ideário e a política predominantes no período.

Rosa Maria Sequeira e Maria Cecília Vieira, por sua vez, escrevem sobre Eça de Queirós e Mário de Carvalho. Propõem aproximação e comparação entre os dois autores sobretudo nos seus modos de intervenção na vida pública portuguesa, delineando em suas literaturas uma “crítica da realidade com intenção formadora e reformadora”. Para tanto, fazem um apanhado temático em que se dá a ver em operação essa crítica, passando, entre outras coisas, pelo jornalismo, pela política e pela igreja. São duas representações realistas de forte apelo ético que permitem, segundo as autoras, entrever “uma força subversiva” advinda da consciência estética, seja no Portugal do século XIX, seja no contemporâneo.

Noutra chave, mas ainda sobre realismo, temos o artigo de Ronaldo Tadeu de Souza. O autor procura explicitar e interpretar o que Antonio Candido, por meio da obra de Marcel Proust, entende por realismo. Depois de um pequeno histórico da recepção da obra proustiana no Brasil, é apresentada, mediante contraponto com o “realismo referencial” (documental) de Lukács, que condena o modernismo literário, a concepção de um “realismo imaginativo”, espécie de transrealismo em que os pormenores “se transfiguram em realidade expressiva”. Nisso mesmo se daria então uma modalidade singular de realismo como teoria literária.

Comissão Editorial